

# UNIVERSIDADE E TRABALHO<sup>1</sup>

Maria Aparecida Viggiani BICUDO<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta os conceitos de universidade, trabalho e pesquisa articulando-os a uma reflexão sobre o papel das universidades na formação profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Universidade; Trabalho; Pesquisa; Formação

## ABSTRACT: UNIVERSITY AND WORK

The article presents the concepts of university, work and research articulating them a reflection about the role of the universities in the professional education.

**KEY-WORDS:** University; Work; Research; Education

O tema deste XI Congresso de Iniciação Científica da Universidade Estadual Paulista – UNESP é “*A Universidade entre o Ensino e o Emprego*”. Entretanto, entendendo que o significado subjacente à proposta seja mais abrangente do que a relação “*universidade preparando para o emprego, por meio do ensino*”, busquei colocar em evidência o sentido que percebo nesse tema. Para mim ele se expressa como: *Universidade e Trabalho*. É disso que falarei, acreditando não perverter o mote propulsor deste evento.

*Universidade e Trabalho* está posto como uma composição de dois termos. O conectivo *e* liga duas realidades de maneira positiva, sem qualquer outra indicação.

A dúvida se impõe à conferencista: universidade e trabalho. Há relação entre ambos? Se houver, que relação é essa, ou seja, qual o seu significado?

O tema, tal como explicitado, indica haver essa relação. O que eu conferencista, penso? Haverá ou não há tal relação?

Com essas indagações, demorei-me na frase, buscando interpretá-la por meio dos significados que foram se mostrando para mim, nesse movimento de procura de entendimento.

Mas, nesse movimento, outra pergunta pairava à espreita de resposta. Ela se explicita no seguinte raciocínio: se houver relação entre universidade e trabalho; estando eu a proferir conferência em um Congresso de Iniciação Científica que privilegia a pesquisa; então, qual seria a relação: universidade, trabalho e iniciação científica?

Propondo-me a dar conta da tarefa e, agora já instigada pelas perguntas, comecei pelo que para mim se anuncia como início dessa trajetória: destaquei os componentes da frase e ignorei, por algum tempo, o conectivo. Pus em

<sup>1</sup> Conferência proferida à abertura do XI Congresso de Iniciação Científica da UNESP – Presidente Prudente. Novembro de 1999.

<sup>2</sup> Pró-Reitora de Graduação da UNESP

evidência: “universidade”, “trabalho”, agora vendidos de modo separado.

Universidade. O que é? O que faz? A que se propõe?

Sabe-se que é uma instituição de ensino superior que compreende um conjunto de faculdades, de escolas ou institutos para a especialização profissional e científica, e tem por função precípua garantir a conservação e o progresso dos diversos ramos do conhecimento, pelo ensino e pela pesquisa. Esse é o significado que consta no Novo Dicionário da Língua Portuguesa<sup>3</sup>.

Sabe-se, também, que a esse significado deveria ser acrescentado aquele do trabalho de extensão e que pensar tão somente em “progresso” deixa a desejar uma das tarefas mais importantes da Universidade que é aquela da crítica.

*Analisando as atividades que efetua, hoje, vê-se que seu cerne está na articulação entre ensino, pesquisa e extensão, visando sempre à construção do conhecimento, sua socialização por meio de sistemas de divulgação e armazenamento, e pela formação de profissionais, em relação aos quais é responsável pela habilitação. Essas atividades – de ensino, pesquisa e de extensão – sempre se revestem de cunho pedagógico, pois sua principal razão de ser, na Universidade, é a formação de profissionais. Implícitas a esse fazer pedagógico se encontram as ações de análise e de crítica reflexiva, de modo que não importa apenas pesquisar, saber fazê-lo e ensinar sua lógica de produção, mas é preciso ponderar suas repercussões históricas, políticas e sociais. Assim, juntamente com a capacitação científica, artística e tecnológica, é preciso haver a formação ética e política.*

Portanto, a Universidade se propõe à formação de profissionais competentes de um ponto de vista científico, tecnológico ou artístico; de profissionais críticos e reflexivos, comprometidos com a qualidade de vida de todos os seres vivos. Propõe-se a efetuar pesquisas de modo rigoroso, avançando na compreensão dos fenômenos mundanos; a entender o modo pelo qual o conhecimento é construído, esclarecendo inclusive a lógica do processo de produção de pesquisas, socializando esse conhecimento por meio do ensino que faz e das atividades de extensão à comunidade que promove.

No âmbito do entendimento que tenho a respeito das propostas, quer as de pesquisa, quer as formadoras, faz sentido a afirmação de Gramsci<sup>4</sup>.

*Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa, também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer, transformá-las, portanto, em bases de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais importante e “original” do que a descoberta por parte de um “gênio filosófico”, de uma verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos de intelectuais”.*

**Trabalho.** É uma atividade efetuada pela pessoa ao agir no seu meio. Como tal, é dinâmica, expõe os modos pelos quais ela compreende a situação e materializa suas competências e habilidades cognitivas. Ao mesmo tempo, deixa suas marcas na cultura e age como um ponto de reflexão ao devolver-lhe indícios relevantes de sua atuação, permitindo-lhe auto-avaliação e avaliação dos outros com quem está.

Olhado dessa perspectiva, o trabalho revela sua vertente ontológica, pois a pessoa, ser humano que é, não é entidade abstrata, mas está sempre se fazendo no seu próprio processo de atualização contextualizado histórica e socialmente. É esse o sentido que vemos na categoria “trabalho”, entendida como o núcleo gerador do ser humano como construção histórica. É nessa perspectiva que concordo com Arroyo que vê “a centralidade do trabalho humano como constituinte da condição humana”<sup>5</sup>.

Ao mudar o olhar sobre o **trabalho**, passando da perspectiva de se entendê-lo como constituinte da condição humana para aquela de vê-lo nos modos pelos quais ele ocorre no mundo contemporâneo, estruturado forte ou essencialmente pelo valor máximo do **capital**, o trabalho revela-se como meio de sobrevivência, na medida em que é tomado como força produtiva que gera dividendos.

Esses dois pólos de significados - “trabalho como constituinte da condição humana” e “trabalho como meio de sobrevivência” - teriam possibilidade de ser articulados harmoniosamente em organizações sociais em que houvesse posições suficientes para todos e em que

<sup>3</sup> Cf. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda et alli; *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Fronteira, 1ª ed., s/d.

<sup>4</sup> A. Gramsci. Apud. Frigotto, Gaudêncio. *Educação, Crise do Trabalho Assalariado e do Desenvolvimento: teorias em*

*conflito*. In Frigotto, G. (org.) *Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de Final de Século*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1998.

<sup>5</sup> Arroyo, M. “Trabalho – Educação e Teoria Pedagógica”. in Frigotto, Gaudêncio (org.) *Educação e Crise do Trabalho*, op. cit., pág. 139.

houvesse uma distribuição dessas posições conforme as tendências e competências dos “trabalhadores” acrescida, essa política, de análise e reflexão crítica a respeito das próprias condições do mundo do trabalho no qual também se configura a condição humana.

Entretanto, em um mundo em que “grandes contingentes de trabalhadores têm como horizonte formas rudimentares de trabalho e de reprodução de existência” e que “tem como horizonte o desemprego, a economia informal ou o biscoito”<sup>6</sup> como articular aqueles pólos, ou melhor, como impedir que se dê o “desenraizamento” da humanidade do homem?

Sabe-se que no mundo globalizado não serão excluídos aqueles profissionais que têm formação abrangente, que são capazes de manterem-se em constante processo de atualização de conhecimentos e de habilidades científicas, artísticas ou tecnológicas; que são sensíveis aos indicadores de alteração do **mercado**; que dominam diferentes linguagens; que são capazes de manter lideranças ao trabalhar em equipe; que se relacionam com seus companheiros, de modo solidário; que são competitivos; que conseguem permanecer seguros e confiantes na incerteza; que são lúcidos e capazes de proceder à análise e à crítica reflexiva da situação da empresa e dela no mundo; de serem inovadores e criativos.

Volte-se à Universidade e faça-se um ensaio da dialética: **universidade e mundo do trabalho**.

A Universidade, ela mesma, é um lugar onde pessoas ocupam posições, efetuam seu trabalho – visto como meio de sobrevivência – e são remuneradas por isso. São os professores/pesquisadores e os servidores técnicos administrativos.

Quais as condições em que o trabalho se dá, no seu interior? Sabe-se que a atividade dos professores/pesquisadores está, ou deveria estar, sempre comprometida com a dimensão histórica e social das ciências, da arte ou da tecnologia, criando inovações, aperfeiçoando modos de socialização do conhecimento, implementando maneiras de articular os diferentes campos do saber entre si e em relação a uma visão “holística” do mundo humano, entendido como materialização histórica de todas as ações efetuadas e como a possibilidade de continuar se fazendo. Portanto, o seu fazer pode se aproximar muito das características ontológicas do trabalho.

E os servidores técnicos administrativos, em que condições efetuam suas obrigações? Há visão do todo, ou seja, da Universidade como instituição que tem por tarefa o trabalho pedagógico de produzir ciência, de ensinar e de socializar sua criação? Ou apenas exercem sua função em uma perspectiva “taylorista”?

Vejam que, olhada da vertente de empregadora, há desafios a serem enfrentados pela Universidade.

Mude-se a direção do olhar e enfoque-se a atividade pedagógica efetuada na Universidade com os alunos, indagando pelo modo que ela os “prepara” para o mundo do trabalho.

Está explicitamente posto nos documentos que embasam sua estrutura e funcionamento, apontando seus fins e objetivos, que os cursos de graduação conferem aos seus egressos diplomas que os habilitam ao exercício de profissões. Portanto, é indubitável o seu vínculo com o mundo do trabalho.

O que se espera que ela faça, ao dar conta desse objetivo? Como deve proceder? Em que direção deve formar esse profissional? Deveria ela apenas atender ao solicitado pelo mundo do trabalho, da maneira pela qual ele se põe hoje em termos de oferta de empregos e respectivos salários? Se agir desse modo, se atender apenas às solicitações do mundo do trabalho, a quem estará servindo? Se não atendê-las, ao que estará se furtando?

No contexto de compreensão que emerge dessas perguntas, procurarei deter-me e encaminhar argumentos que lancem luzes sobre a interrogação “**para quê e como** formar o profissional na Universidade?”.

**Para quê:** pretende-se formar profissionais que possam desempenhar com competência científica, tecnológica ou artística as diferentes atividades que venham a executar no seu ambiente de trabalho. Mas, apenas a competência é insuficiente, pois poderia colocá-lo cegamente à serviço da ideologia dominante, hoje explicitada pelo neoliberalismo, em uma postura de tão somente colaborar com o “progresso” dos objetivos assumidos por essa política. É preciso que o profissional seja **crítico**. Que possa contextualizar-se como trabalhador no horizonte histórico e social da humanidade. Porém, não pode sucumbir ao peso de sua própria crítica e das contradições e incertezas que ela lança. É preciso enfrentar a angústia existencial, ser forte e **criativo**. É preciso viver com dúvidas e certezas, ao mesmo tempo. É necessário buscar alternativas, não fechar os olhos ao que está em torno, mas ter lucidez de que não é isolado, de que não lhe é dado viver ilhado, pois a qualidade de vida diz respeito a todos: não apenas aos trabalhadores bem sucedidos, mas também aos que não conseguiram lugar no mundo do trabalho; não apenas aos seres humanos, mas a todos os seres vivos existentes. Com essa visão, é preciso que sejam formados **líderes** que delineiem políticas públicas de educação, de saúde, de bem estar social, de agricultura, de trabalho... Líderes que saibam dialogar, ouvir, orientar. Que tenham condições de formarem-se continuamente em serviço, mediante capacidade de análise e de crítica reflexiva. É necessário formar profissionais com espírito de investigação, que dominem conhecimentos básicos das ciências, da arte ou da

<sup>6</sup> Idem, p. 147.

tecnologia e respectivas lógicas de sua produção; capazes de resolver *problemas epistemológicos*. E, mais do que isso, que continuamente busquem o significado histórico e social desse conhecimento. Que ajam com *ética*, ponderando à luz de contextos amplos e não perdendo de vista a proposta de qualidade de vida para todos, frente às escolhas que tiverem de fazer. Enfim, é necessário que sejam formados profissionais capacitados e mulheres e homens fortes que consigam viver na perspectiva da finitude humana e na da incerteza ontológica da realidade mundana.

**Como** formar desse modo? Como ponto de partida é preciso que se tenha clareza que não se formam profissionais de uma vez para sempre, ao término dos cursos ofertados. A formação é continuada. Dá-se ao longo da vida, conforme compromisso e empenho de cada um, individualmente, mas também conforme a existência de políticas públicas e das instituições empregadoras. Mas, na graduação essa formação se dá de modo prioritário e sistemático.

Qual o núcleo, na ação pedagógica, geradora da formação dos sujeitos – alunos, professores e servidores técnicos administrativos – envolvidos na efetivação dessa ação? Resposta: Assumindo o trabalho como “princípio educativo”, conforme proposto por Gramsci. Arroyo<sup>7</sup> assim o elucida:

*O trabalho como princípio educativo situa-se em um campo de preocupações com os vínculos entre vida produtiva e cultura, com o humanismo, com a constituição histórica do ser humano, de sua formação intelectual e moral, sua autonomia e liberdade individual e coletiva, sua emancipação. Situa-se no campo de preocupações com a universalidade dos sujeitos humanos, com a base material (a técnica, a produção, o trabalho), de toda atividade intelectual e moral, de todo processo humanizador”.*

De que trabalho se fala, ao situá-lo na Universidade, como princípio pedagógico? Daquele efetuado pelo professor ao organizar o **conteúdo** a ser focado, vendo-o ao mesmo tempo como recurso para construir conhecimentos e atitude de respeito aos autores; disciplina para exercitar a paciência para a efetivação de uma análise precedente; de dúvidas, de questionamentos e de busca de sentido. Ao organizar as atividades a serem desenvolvidas junto aos alunos, incluindo aquelas de análise, de reflexão crítica, de criação de novos contextos, de exposição, de debate, de produção de textos, de experimentos de pesquisa, de aprendizagem e de

aperfeiçoamento de práticas e de competências técnicas, de avaliação e de auto-avaliação. Do trabalho efetuado pelo aluno ao comprometer-se, de modo responsável, com o projeto do curso, não se furtando à elaboração das atividades, colocando-se sempre como sujeito do seu processo de aprendizagem, sendo humilde, paciente, atento, crítico e irreverente, ao mesmo tempo. Estando alerta ao seu entorno, cooperando com todos envolvidos na situação, expondo-se, ouvindo, impondo-se nos embates.

Por fim, é preciso que se pergunte: como o trabalho de iniciação científica contribui para essa formação?

Para elucidar o sentido que essa atividade faz no bojo do trabalho pedagógico, partirei do significado que atribuo à pesquisa.

**Pesquisa**, em inglês *research*. *Search* vem do latim *circare*, que quer dizer *ir à volta*, explorar. Explorar que vem de *circus*, também vocábulo latino que significa *anel*. *Recherche*, do francês, que tem o mesmo sentido. Conforme o Prof. Joel Martins costumava afirmar, pesquisar é andar em torno, de novo e novamente... É andar em torno de uma interrogação, tantas vezes quantas aquelas em que a interrogação persistir, buscando pelos sentidos e significados que o mundo e nós mesmos nele fazemos e adquirimos no contexto histórico e social.

Portanto, só há **pesquisa** se houver uma interrogação. Sem ela, a investigação não procede.

Porém, a interrogação não se instala na ingenuidade do conhecimento do senso comum, ainda que seja nesse nível que as inquietações e curiosidade nasçam e possam se fortalecer ou fenecer. É preciso manter viva a chama que a curiosidade acende e implementá-la na direção da produção da ciência, da arte ou da tecnologia. A interrogação que gera pesquisa vai sendo filtrada no interior do próprio trabalho científico que envolve: **conhecimento do já produzido**, o que significa, entre nós, levantamento da bibliografia existente sobre o assunto e respectiva análise e busca de sentido à luz da inquietação existente; **disciplina** para dominar a técnica de investigar textos e de citar autores, sem reproduzir tão somente o seu pensamento, mas articulá-lo na produção de um texto próprio; **discussão** com os pares das pistas encontradas, sabendo expor o próprio pensamento e ouvir o que o outro tem a dizer, ampliando, desse modo, o campo de compreensão; **crítica** da produção que conhece e daquela que está efetuando; **responsabilidade** em relação à equipe – orientador, parceiros e instituição – para finalizar o que começou, expondo sua investigação em fóruns apropriados, mantendo o embate e dele se alimentando; **responsabilidade** em relação à sociedade, assumindo sempre o dever de socializar o conhecimento e habilidades técnicas dominadas, tendo em vista a qualidade de vida de todos; **postura ética** frente ao rigor exigido pela investigação e ao compromisso com a qualidade de vida de todos.

<sup>7</sup> Idem, p. 152.

É nesse mesmo processo em que a iniciação científica se efetua que se dá o fortalecimento da formação do profissional. Formação essa que deve atender às exigências do mundo do trabalho, e que torne possível ao

profissional analisá-las e posicionar-se frente a elas, não se deixando ficar à sua disposição, cumprindo-as, mas avaliando-as criticamente, escolhendo caminhos, maneiras, alternativas.